

LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR FRATURA DE FÊMUR EM IDOSOS NO ESTADO DE MINAS GERAIS (2021-2025)

Adriano de Oliveira Neri ¹

Leandro Silva de Araujo ²

leandro.univertix@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

O Brasil tem vivenciado um crescimento na população idosa ao longo dos anos, sendo essa uma consequência natural do aumento da qualidade e expectativa de vida. A vida dos idosos é consideravelmente afetada quando ocorre um acidente, pois isso prejudica sua mobilidade e pode exigir um assistente, seja de forma temporária ou por um tempo prolongado. O objetivo foi realizar uma análise dos aspectos epidemiológicos das fraturas de fêmur em idosos no estado de Minas Gerais entre 2021 e 2025. Este é um estudo epidemiológico do tipo observacional, retrospectivo, transversal e populacional, através da base de dados do DATASUS, adotando critérios de inclusão e exclusão, assim como variáveis para posterior discussão do assunto. Minas Gerais apresentou 54.141 casos de internações por fratura de fêmur, predominando idade com 80 anos e mais, sexo feminino, com caráter de atendimento de urgência. Assim, os dados apresentados evidenciam a fratura de fêmur em idosos como um significativo desafio de saúde pública em Minas Gerais, com grandes repercussões para o sistema de saúde e para a qualidade de vida dos idosos.

PALAVRAS-CHAVE: morbidade hospitalar; geriatria; idosos; fratura de fêmur.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado um crescimento na população idosa ao longo dos anos, sendo essa uma consequência natural do aumento da qualidade e expectativa de vida. Segundo IBGE (2022), a população idosa de 60 anos ou mais já ultrapassou os 32 milhões de pessoas. Diante disso, as unidades básicas de saúde e pronto socorros têm lidado com uma nova realidade de atendimento, um aumento constante na atenção à saúde da população idosa, tanto em âmbito ambulatorial como nos blocos

¹ Acadêmico de Medicina do 11º período de Medicina, Centro Universitário Vértice - Univértix, Matipó-MG

² Doutor, Mestre, Médico Veterinário, Docente do Centro Universitário Vértice - Univértix, Matipó-MG

cirúrgicos, chegando até a afetar a dinâmica de mercado da profissão médica (Almeida *et al.*, 2025).

De acordo com dados apresentados pelo Ministério da Saúde, houve um aumento de 378,4% de geriatras quando comparado a 2011, demonstrando uma elevação da necessidade social e de mercado para atendimento dessa população crescente. Entretanto, esse aumento ainda não é configurado como ideal, segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia levando em consideração o crescimento da população idosa (Cunha *et al.*, 2022).

A vida dos idosos é consideravelmente afetada quando ocorre um acidente, pois isso prejudica sua mobilidade e pode exigir um assistente, seja de forma temporária ou por um tempo prolongado (Mendes *et al.*, 2023).

As repercussões do trauma na saúde dos idosos vão desde limitações físicas até questões psicológicas. Doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, que são muito comuns entre os brasileiros, aumentam a probabilidade de quedas, além de provocarem o uso de medicamentos que podem alterar a atenção, as respostas motoras e a pressão arterial (Bortolini; Schmitt, 2023).

Nesse cenário, é reconhecido que uma fratura de fêmur é uma emergência ortopédica, pois apresenta alto risco de mortalidade e complicações, especialmente entre os idosos. Os índices de mortalidade variam entre 10% e 50% dessa população, e estudos epidemiológicos identificaram dois grupos principais: os mais jovens, que enfrentam acidentes de grande impacto, e os mais velhos, frequentemente prejudicados por quedas. Também foi verificado um aumento progressivo nas internações com o avanço da idade, sendo mais frequente entre aqueles com 80 anos ou mais (Cunha *et al.*, 2022).

Assim, a fratura de fêmur nesta população representa um significativo problema de saúde pública, pois muitas vezes resulta na perda da independência funcional, na necessidade de institucionalização e um risco elevado de morte no ano seguinte ao trauma. Ademais, o cuidado desses pacientes demanda substanciais recursos hospitalares, incluindo internação prolongada, cirurgias ortopédicas, fisioterapia e

reabilitação, impactando consideravelmente o sistema de saúde (Coelho; Dutra; Figueiredo Júnior, 2022).

Considerando os dados apresentados, é essencial examinar esse fenômeno também em uma perspectiva regional. A questão norteadora do estudo é: “Qual é o perfil epidemiológico das fraturas de fêmur em idosos no estado de Minas Gerais?”. O estudo epidemiológico das fraturas de fêmur em idosos nessa localidade não apenas ajuda a compreender o problema, mas também a criar ações voltadas à prevenção da osteoporose, à diminuição do risco de quedas e ao melhor planejamento dos serviços destinados ao atendimento ao idoso.

Diante desse panorama, este trabalho visa realizar uma análise dos aspectos epidemiológicos das fraturas de fêmur em idosos no estado de Minas Gerais entre 2021 e 2025.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As causas predominantes de fraturas incluem quedas, lesões, metástases tumorais, osteoporose e artrite. Dessa forma, pessoas com osteoporose correm um risco elevado de fraturar o colo do fêmur, e a maioria dessas fraturas leva a internações hospitalares ou a cirurgias. Isso pode resultar em alterações permanentes na capacidade funcional e na autonomia, sendo uma das principais causas de incapacidades e mortes no primeiro ano após a cirurgia. O tratamento para as fraturas pode ser realizado clinicamente, com a aplicação de imobilização e manejo da dor, ou cirurgicamente, envolvendo diversos tipos de procedimentos (Dumont *et al.*, 2026).

Os dados mais recentes sobre epidemiologia mostram a extensão do impacto das fraturas de fêmur entre os idosos no Brasil. A incidência de fraturas de fêmur entre 2008 e 2018 foi de aproximadamente 224,02 casos para cada 100.000 idosos. Esse problema acarretou 478.274 internações, e nos anos mais recentes, observou-se um aumento significativo na sua ocorrência. Além disso, constatou-se uma alta taxa de morbidade e mortalidade, afetando mais mulheres e idosos com mais idade (Guedes, 2022).

Os idosos têm maior chance de sofrer fraturas ósseas devido à perda de músculo e massa óssea que ocorre com o envelhecimento. Além disso, a falta de equilíbrio aumenta a vulnerabilidade a quedas, o que pode resultar em um maior número de fraturas entre essa população. As fraturas de fêmur em idosos representam um grande desafio para a saúde pública, uma vez que possuem uma taxa elevada de mortalidade e custos significativos para o tratamento (Rodrigues *et al.*, 2024).

Com o passar do tempo, os idosos começam a precisar de apoio, enfrentando diversas dificuldades, principalmente em suas habilidades motoras, o que prejudica a mobilidade e, por consequência, aumenta o risco de quedas. A capacidade funcional das pessoas idosas é reduzida e elas costumam ter várias doenças crônicas como diabetes e hipertensão. Quando ocorre uma fratura, cerca de 70% desses indivíduos apresentam ao menos duas ou mais condições relacionadas. Além disso, o número de fraturas de fêmur é mais elevado entre os idosos. As condições de saúde mais comuns associadas às quedas incluem: enfermidades cardíacas, problemas do coração e osteoporose, sendo a última a principal causa do aumento nas taxas de fraturas de fêmur em pessoas acima de 60 anos (Lima; Salles; Silva, 2022).

Entretanto, pessoas que sofrem de Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e que utilizam medicamentos para controlar a pressão arterial apresentam uma maior tendência a fraturas de fêmur, o que está ligado aos tipos de medicamentos que consomem. Um dos motivos para o aumento do risco de fraturas de fêmur em indivíduos com hipertensão arterial sistêmica é a elevação da excreção de minerais, especialmente cálcio, na urina. A incidência de fraturas entre os pacientes que usam bloqueadores dos canais de cálcio foi maior em comparação com aqueles sob tratamento com medicamentos bloqueadores do receptor de angiotensina e diuréticos da classe dos tiazídicos. Os diuréticos tiazídicos estão relacionados a uma menor incidência de fraturas de fêmur devido à sua capacidade de conservar cálcio (Macedo *et al.*, 2019).

Uma condição frequentemente vista em idosos que pode estar ligada a quedas e, conseqüentemente, a fraturas de fêmur, é a diabetes. Esta condição traz

várias complicações, como a diminuição da visão e neuropatia, fatores que podem levar os idosos a reduzirem a realização de suas atividades, aumentando assim o risco de quedas. Além disso, a hiperglicemia contínua está associada à perda de massa e força muscular, o que também explica a conexão observada (Mendes *et al.*, 2023).

Os principais fatores que elevam a probabilidade de quedas e fraturas incluem: sexo, idade, uso de substâncias psicotrópicas, consumo excessivo de álcool, tabagismo, osteoporose, menopausa precoce, falta de atividade física, desequilíbrio, diminuição das habilidades cognitivas e a presença de outras doenças associadas (Moreira, 2025).

Uma das principais causas de quedas está relacionada a condições do ambiente, como: iluminação inadequada, superfícies escorregadias, ausência de corrimãos, escadas altas e quedas em locais como banheiros, camas e calçadas, além de instabilidade e sensação de mal-estar. Dentre as razões ligadas a condições de saúde, a osteoporose se destaca como um sério desafio à saúde pública, já que é a principal responsável pelas fraturas de fêmur neste grupo etário. A osteoporose é uma afeição sistêmica que compromete os ossos, caracterizada pela redução da densidade óssea e pela degradação do tecido ósseo, resultando em maior fragilidade dos ossos, especialmente em mulheres idosas (Cunha *et al.*, 2022).

Um dos fatores mais significativos que contribui para o aumento das fraturas entre as mulheres é a menopausa, que está diretamente relacionada a um desbalanceamento no metabolismo ósseo, elevando assim o risco de fraturas e osteoporose no público feminino. A diminuição na produção de estrógeno é a principal razão para esse desajuste, combinando-se à redução da absorção de cálcio no trato digestivo, consequência da diminuição na produção de calcitonina, um hormônio que previne a desmineralização óssea (Almeida *et al.*, 2025).

Outro aspecto é que as mulheres frequentemente apresentam diversas condições de saúde, além de utilizarem vários medicamentos e terem uma maior tendência a desenvolver algum nível de comprometimento cognitivo ou problemas de saúde, especialmente em idosos hospitalizados com fraturas de fêmur funcional,

frequentemente necessitando de assistência para caminhar. Ademais, há uma relação entre quedas que resultam em fraturas e ambientes urbanos, evidenciada por uma pesquisa que revelou que metade dos idosos em áreas urbanas teme cair devido a irregularidades nas calçadas e medo de atravessar ruas. Esses fatores emergiram como independentes relacionados ao surgimento de quedas, sublinhando a necessidade de adaptações no ambiente urbano para melhor atender à população idosa (Mendes *et al.*, 2023).

No entanto, o SUS é um sistema de saúde pública que abrange desde o atendimento por meio da atenção primária até procedimentos mais complexos como o transplante de órgãos, o que garante acesso integral, universal e gratuito para a população do país (Rocha *et al.*, 2024)

Os princípios do SUS são a universalização, a saúde é um direito de cidadania a todas as pessoas, inclusive o acesso aos serviços de saúde, a equidade, em que objetiva-se diminuir a desigualdade, e por fim a integralidade, que considera as necessidades de cada indivíduo como um todo, importante na promoção da saúde e prevenção de doenças (Silva *et al.*, 2025).

A atenção ao idoso está contemplada na chamada Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), política que define diretrizes da promoção do envelhecimento ativo, atenção integral e implantação de serviços de atenção domiciliar a essa população. São usadas estratégias como a implantação da caderneta de saúde da pessoa idosa, planos de prevenção e cuidados e a elaboração do Plano Integrado de Ações à Pessoa Idosa SUAS - SUS (Rodrigues *et al.*, 2024).

3 METODOLOGIA

Este trabalho é uma investigação epidemiológica da categoria observacional, realizada sob um olhar retrospectivo, de tipo transversal e voltada para a população, desenvolvida de acordo com o guia Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) (Von Elm, 2007). Contudo, conforme mencionam Rouquayrol e Gurgel (2017), a pesquisa

transversal é caracterizada por analisar a exposição e o resultado em uma população específica, de maneira simultânea. Por outro lado, a pesquisa retrospectiva faz uso de dados secundários, com o objetivo de identificar relações entre variáveis relevantes, com base em eventos anteriores.

Os dados são obtidos através da ferramenta de tabulação Tabnet, que permite tabulações online de dados e geração de planilhas, de forma rápida e objetiva. A busca dos dados será realizada por meio do <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/nimg.def> - Morbidade Hospitalar do SUS, referente aos pacientes hospitalizados entre 2021 e 2025, que foram internados por fratura de fêmur.

O critério de inclusão abrange indivíduos com fratura no fêmur, com idade igual ou superior a 60 anos, independentemente do sexo. Casos que não apresentem registros completos ou que não estejam disponíveis no site do DATASUS serão desconsiderados.

As variáveis a serem examinadas incluem o ano de processamento, idade, sexo e tipo de atendimento. A análise será realizada por grupos etários, em intervalos de dez anos, a partir dos 60 anos, possibilitando uma comparação breve entre as faixas etárias da terceira idade.

As possíveis limitações que poderão ser apontadas para este estudo estão relacionadas a restrições de pesquisas que utilizam dados secundários, como erros na notificação ou imprecisões na inserção de dados. As informações serão organizadas e apresentadas usando o Microsoft Excel 2019.

As pesquisas obtidas são de domínio público e as tabulações geradas obedecem aos princípios éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, tornando-se dispensável submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (Brasil, 2016).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2021 e 2025, Minas Gerais registrou 54.141 casos de fratura de fêmur em idosos, sendo o maior registro em 2025, com 12.342 casos, e o menor registro em 2021, com 9.389 casos, assim como visto na tabela 1.

Tabela 1 - Resultados sobre as internações por fratura de fêmur em idosos no estado de Minas Gerais conforme o ano de diagnóstico (2021-2025).

Ano de Processamento	Internações
2021	9.389
2022	10.563
2023	10.719
2024	11.128
2025	12.342
Total	54.141

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os registros das hospitalizações devido a fraturas de fêmur em pessoas idosas no estado de Minas Gerais, entre os anos de 2021 e 2025, mostram um aumento constante ao longo do período em questão, com um crescimento de 9.389 casos em 2021 para 12.342 em 2025. Esse aumento contínuo não indica apenas uma elevação na frequência de fraturas, mas também ilustra os efeitos do envelhecimento da população, visto que o número de idosos tem crescido de maneira significativa nos anos recentes. Pesquisas epidemiológicas a nível nacional revelam que a longevidade crescente e a maior porcentagem de indivíduos acima de 60 anos impactam diretamente no aumento das hospitalizações por fraturas osteoporóticas, principalmente as de fêmur, que frequentemente ocorrem após quedas de baixa intensidade (Silva; Reis, 2026).

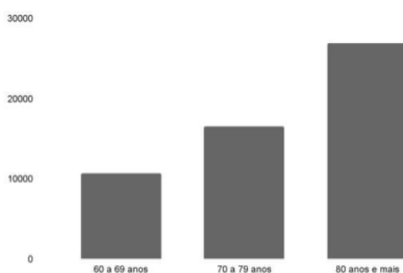
A elevação mais acentuada a partir de 2023, que resulta no maior total de internações em 2025, pode ser atribuída a diversos fatores, como maior vulnerabilidade clínica entre os idosos, a alta prevalência de osteoporose, fraqueza muscular e a presença de comorbidades crônicas, incluindo diabetes e enfermidades cardiovasculares. Ademais, a plena retomada das atividades sociais e da mobilidade após as fases mais severas da pandemia de COVID-19, pode ter favorecido o aumento de quedas, levando, assim, a um incremento nas fraturas entre essa faixa etária. Essa situação ressalta a necessidade de implementar estratégias de prevenção, que englobam programas de fortalecimento muscular, adaptações no lar e a detecção precoce da osteoporose, com o intuito de mitigar o

risco de traumas e a necessidade de hospitalização (Silva *et al.*, 2025).

Outro fator importante a se considerar é o efeito dessas internações no sistema de saúde, já que as fraturas de fêmur estão frequentemente ligadas a longos períodos de internação, à necessidade comum de cirurgias e a custos assistenciais elevados, além de altas taxas de morbimortalidade e perda de funcionalidade entre os idosos. O aumento gradual nas internações observadas em Minas Gerais durante os anos em análise indica uma demanda crescente por serviços de ortopedia, leitos hospitalares e reabilitação, o que exige planejamento estratégico e políticas públicas voltadas para uma atenção integral à saúde da população idosa. Assim, os dados ressaltam a importância de intensificar ações preventivas na atenção primária e de expandir os recursos assistenciais para enfrentar a crescente carga de doenças associadas à fragilidade óssea no segmento populacional envelhecido (Mendes *et al.*, 2023).

No entanto, a faixa etária dominante é a de idosos de 80 anos ou mais, com 26.898 registros, assim como pode ser visto na figura 1.

Figura 1 - Resultados sobre as internações por fratura de fêmur em idosos em Minas Gerais conforme a faixa etária (2021-2025).



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O estudo sobre as hospitalizações por fraturas de fêmur em pessoas idosas em Minas Gerais, entre 2021 e 2025, conforme a idade, revela um aumento contínuo no número de casos conforme a faixa etária avança. Dos dados, se vê que a faixa etária de 60 a 69 anos contabilizou 10.723 internações, enquanto o grupo de 70 a 79 anos teve 16.520 ocorrências, com a população de 80 anos ou mais registrando o maior total, com 26.898 internações. Essas informações são indicativas de uma relação evidente entre o envelhecimento e a maior vulnerabilidade a fraturas de fêmur,

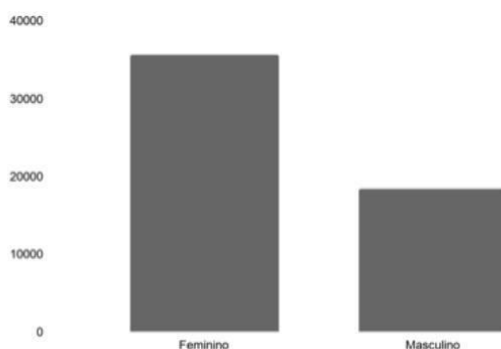
evidenciando como a idade afeta a saúde óssea e a estabilidade funcional dos idosos (Lima; Salles; Silva, 2022).

A alta incidência de internações entre os indivíduos com 80 anos ou mais pode ser atribuída a fatores fisiológicos e clínicos associados ao envelhecimento avançado, como a prevalência elevada de osteoporose, sarcopenia, problemas de equilíbrio e a presença de várias comorbidades. Neste grupo etário, quedas de baixa energia, frequentemente ocorridas no ambiente doméstico, se tornam eventos recorrentes e de alto risco, resultando em fraturas que necessitam de cuidados hospitalares e, em muitos casos, de cirurgias. Além do mais, idosos com maior idade frequentemente apresentam maior fragilidade e uma capacidade reduzida de recuperação funcional, o que leva ao aumento das taxas de hospitalização e à complexidade no tratamento clínico (Bortolini; Schmitt, 2023).

Essas conclusões destacam a urgência de políticas e estratégias de saúde direcionadas, especialmente aos idosos mais velhos, que constituem o público de maior risco. Adicionalmente, o alto número de casos em faixas etárias mais avançadas gera uma demanda maior por serviços médicos, reabilitação e cuidados prolongados, requerendo um planejamento eficaz do sistema de saúde para atender às necessidades de uma população que envelhece progressivamente (Cunha *et al.*, 2022).

De tal forma, o sexo predominante foi o feminino, com 35.672 internações, assim como demonstrado abaixo (Figura 2).

Figura 2 - Resultados sobre as internações por fratura de fêmur em idosos em Minas Gerais conforme o sexo (2021-2025).



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A distribuição das internações por fraturas de fêmur entre os idosos em Minas Gerais, entre 2021 e 2025, conforme o gênero, mostra uma grande predominância do sexo feminino, com 35.672 ocorrências, em contraste com 18.469 internações no sexo masculino. Esse fenômeno é frequentemente relatado na literatura e está associado, principalmente à elevada prevalência de osteoporose nas mulheres idosas, especialmente após a menopausa, período em que há uma queda acentuada nos níveis de estrogênio, um hormônio vital para a preservação da densidade mineral dos ossos. Como resultado, os ossos se tornam mais frágeis e vulneráveis a fraturas, mesmo em casos de traumas leves (Dumont *et al.*, 2026).

Além da fragilidade acentuada dos ossos, outros elementos contribuem para a maior taxa de internações entre as mulheres, como a expectativa de vida mais alta, o que gera uma maior proporção de mulheres nas idades mais avançadas, onde o risco de fraturas é elevado. As mulheres idosas também apresentam uma incidência maior de sarcopenia, alterações na postura e problemas de equilíbrio, fatores que aumentam a chance de quedas. Por outro lado, mesmo que o número total de casos entre os homens seja inferior, pesquisas mostram que os homens costumam ter desfechos mais graves após a fratura do fêmur, com maior taxa de mortalidade e complicações após a cirurgia, devido à presença de comorbidades e diagnósticos tardios de osteoporose nessa população (Guedes, 2022).

Os dados obtidos destacam a urgência de desenvolver estratégias de prevenção e cuidados específicos para cada gênero, com foco particular na saúde óssea das mulheres idosas. A implementação de programas para triagem de osteoporose, a promoção de atividades físicas que fortaleçam os músculos e melhore o equilíbrio, além de orientações para evitar quedas, são ações essenciais para diminuir a ocorrência de fraturas e, consequentemente, as internações. Simultaneamente, é crucial aumentar a atenção à saúde dos homens idosos, incentivando o diagnóstico precoce da perda óssea e o acompanhamento clínico adequado, com o objetivo de reduzir complicações e aprimorar os resultados clínicos após eventos traumáticos (Mendes *et al.*, 2023).

Assim, a variável de caráter de atendimento é predatória para o tema estudado, com 656 internações por fratura de fêmur (Tabela 2).

Tabela 2 - Resultados sobre as internações por fratura de fêmur em idosos em Minas Gerais conforme o caráter de atendimento (2021-2025).

Caráter de Atendimento	Internações
Eletivo	1.690
Urgência	51.034
Outros acidentes de trabalho	63
Outras causas externas	1.354
Total	54.141

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A investigação das hospitalizações devido a fraturas de fêmur em pessoas idosas em Minas Gerais, no período de 2021 a 2025, segundo o tipo de atendimento, revela uma clara predominância das situações classificadas como urgências, somando 51.034 internações. Em contrapartida, as internações eletivas totalizaram apenas 1.690 casos, enquanto os registros de outros acidentes de trabalho chegaram a 63 ocorrências e aqueles relacionados a outras causas externas foram de 1.354 internações. Essa tendência ressalta que a fratura de fêmur em idosos costuma ser um episódio agudo e imprevisto, frequentemente provocada por quedas e eventos traumáticos que exigem atenção imediata (Moreira, 2025).

O elevado número de atendimentos urgentes está intimamente ligado à natureza clínica dessas fraturas, que normalmente surgem após traumas de baixa intensidade em indivíduos com fraqueza óssea e diversas comorbidades. A urgência na intervenção se deve ao perigo de complicações sérias, como sangramentos, imobilização prolongada, tromboembolismo e aumento da taxa de mortalidade, o que torna a ação rápida crucial para mitigar desfechos negativos. Por outro lado, a baixa quantidade de internações eletivas sugere que apenas uma fração reduzida dos casos se refere a procedimentos planejados anteriormente, como cirurgias de revisão ou tratamento de complicações tardias (Silva *et al.*, 2020).

A elevada taxa de internações de urgência também evidencia grandes desafios para o sistema de saúde, já que esse tipo de atendimento requer uma maior disponibilidade de leitos, equipes cirúrgicas e recursos hospitalares de

maneira imediata, afetando diretamente a estrutura dos serviços e os custos de atendimento. Ademais, os registros considerados como outras causas externas e acidentes de trabalho, embora menos comuns, sinalizam a variedade de situações em que essas fraturas podem ocorrer, enfatizando a necessidade de estratégias amplas para a prevenção de quedas, segurança no lar e monitoramento contínuo da saúde dos idosos. Esses dados ressaltam a importância de aprimorar a atenção primária e as ações preventivas para diminuir o aparecimento de eventos agudos e, por consequência, aliviar a pressão sobre os serviços de urgência (Torres; Bessa; Cintra, 2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre hospitalizações por fratura de fêmur em idosos em Minas Gerais entre 2021 e 2025 revelou um quadro de crescente importância tanto do ponto de vista epidemiológico quanto assistencial. Foi identificado um aumento progressivo no total de internações ao longo dos anos, com uma maior concentração em idades mais avançadas, especialmente entre aqueles com 80 anos ou mais, além de uma predominância no sexo feminino. Tais resultados ressaltam o efeito do envelhecimento da população, da maior expectativa de vida e da alta taxa de osteoporose e fragilidade física na população idosa, fatores que estão diretamente relacionados a um risco elevado de quedas e fraturas.

Os achados também indicaram que a maior parte das internações ocorreu de forma urgente, sublinhando a natureza aguda e inesperada das fraturas de fêmur, que geralmente surgem em decorrência de traumas de baixa energia. Essa prevalência de atendimentos emergenciais não apenas reflete a seriedade clínica dessas lesões, mas também a alta procura por recursos hospitalares, incluindo leitos, cirurgias e longos períodos de reabilitação. Adicionalmente, a assimetria entre os gêneros e as várias faixas etárias destaca a necessidade de estratégias de prevenção que sejam específicas e direcionadas aos grupos mais vulneráveis.

Assim, os dados apresentados evidenciam a fratura de fêmur em idosos como um significativo desafio de saúde pública em Minas Gerais, com grandes

repercussões para o sistema de saúde e para a qualidade de vida dos idosos. É fundamental fortalecer as políticas públicas que visem à prevenção de quedas, ao diagnóstico e tratamento precoce da osteoporose, além de expandir o suporte geriátrico e a reabilitação após fraturas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.C.C.; SANTOS, J.V.O.F.; RIBEIRO, J.P.; ALMEIDA, R.F.C. Perfil clínico e epidemiológico das internações e óbitos das fraturas de fêmur em idosos no Estado do Maranhão, 2015 a 2024. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 25, n. 6, p. e20405-e20405, 2025. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/20405>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

BORTOLINI, R.; SCHMITT, E.V. Fraturas de fêmur em idosos: comparação clínico-epidemiológica em cascavel, paraná, de 2012 a 2022. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 8, p. 1784-1792, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10992>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 — Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

COELHO, L.S.Z.; DUTRA, T.M.S.; FIGUEIREDO JÚNIOR, H.S. Uma análise acerca das quedas em idosos e sua principal consequência: a fratura de fêmur. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 4, n.1, p. e9764-e9764, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/9764>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

CUNHA, A.P.; COUTO, E.M.S.; FERNANDES, F.P.; LIMA, Y.M.S.; PACHECO, D.C.L.; ARAÚJO, C.S.S.; PESSÔA, A.A. Fatores associados à incidência de fraturas de fêmur nos idosos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e64111334297-e64111334297, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34297>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

DUMONT, A.V.; SILVA JÚNIOR, R.V.; RAMOS, D.A.O.; CUNHA, M.L. FRATURA DE FÊMUR EM IDOSOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. e10147-e10147, 2026. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/download/10147/6946>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

GUEDES, A. Fraturas do fêmur em idosos no Brasil-incidência, letalidade e custos (2008-2018). **Revista Científica Hospital Santa Izabel**, v. 6, n. 3, p. 165-171, 2022.

Disponível em:
<https://revistacientifica.hospitalsantaizabel.org.br/index.php/RCHSI/article/view/333>.
Acesso em: 27 de mar. 2026.

LIMA, J.A.; SALLES, L.P.; SILVA, M.A.M. Perfil Epidemiológico de Idosos Internados por Fratura de Fêmur no Brasil. **Revista de Saúde**, v. 13, n. 2, p. 59-65, 2022. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RS/article/view/2964>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

MACEDO, G.G.; TEIXEIRA, T.R.G.; GANEM, G.; DALTRO, G.C.; FALEIRO, T.B.; ROSÁRIO, D.A.V.; FRANCO, B.A.F.M. Fraturas do fêmur em idosos: um problema de saúde pública no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 6, n.1, p. e1112-e1112, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/1112>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

MENDES, M.C.; ALEMÃES, J.P.O.; MONTEIRO, B.M.; SANTOS, J.U.F.; SILVA, V.C.T.; SOUZA, F.C.; CARVALHO, R.P.; FRANCO, R.C.; HALFELD, F.F.; PACHECO, G.A. Fatores de risco de fratura de fêmur em idosos: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 6094-6103, 2023. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1092>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

MOREIRA, M.V.S. Estudo comparativo sobre fratura de fêmur em idosos. **Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)**, v. 11, n. 1, p. 22-27, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pecibes/article/download/23215/15730>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

ROCHA, N.S.; TREVISAN, J.M.; SOUZA, R.P.; GALVÃO, W.L.; CHAVES, V.S.B.; TEIXEIRA, M.G. Fratura de Fêmur em idosos: Morbidade e mortalidade no estado do Paraná. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 11, p. e35131147295-e35131147295, 2024. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/47295>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

RODRIGUES, P.V.M; FRUHAUF, D.L.S.; SILVA, D.A.O.; COSTA, L.S.; NAZZARO, A.C.B.; SILVA, I.S.A.; CAMPOS, J.S.; CARVALHO, N.C.A.; SOUZA, D.A.; SANTOS, J.O. Morbidade hospitalar por fratura de fêmur em idosos no Brasil: uma análise descritiva. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 2, p. 1823-1844, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1507>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

ROUQUAYROL, M.Z.; GURGEL, M. **Rouquayrol Epidemiologia e saúde**. Rio de Janeiro: MedBook Editora, 2017. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786557830000>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

SILVA, L.S.; REIS, N. PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES COM FRATURA DE FÊMUR NO BRASIL: UM ESTUDO RETROSPECTIVO. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 8, n. 1, p. 173-185, 2026. Disponível em: <https://bjhs.emnuvens.com.br/bjhs/article/download/6857/6691>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

SILVA, L. R.; OLIVEIRA, F. S.; PEREIRA, M. T.; SOUZA, A. R. Cuidados pré e pós-operatórios nas fraturas de fêmur em idosos. **Revista Brasileira de Ortopedia**, v. 55, n. 4, p. 398–404, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbort/a/8wJqvMsQ3mXpr7DPghtyNfy/>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

SILVA, E.L.D.; ABRAHÃO, G.; SILVA, G.; LUCIANO, A.P. Perfil epidemiológico das internações por fratura de fêmur em idosos no Brasil entre 2013 e 2022. **Revista de Epidemiologia e Saúde Pública-RESP**, v. 1, n. 2, p.1-8, 2023. Disponível em: <https://respcientifica.com.br/index.php/resp/article/view/14>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

SILVA, C.S.; SOARES, L.S.G.; BRITO, L.N.S.; MACARI, L.C.A.; SILVA, S.P.; JUREMA, H.C. IMPACTO NA QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS COM FRATURA DE FÊMUR. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 9, p. 2031-2041, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/20994/12832>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

TORRES, M.; BESSA, A.; CINTRA, L.P. FRATURA DE FÊMUR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA. **Revista Científica da UNIFENAS-ISSN: 2596-3481**, v. 7, n. 1, p. 1-3, 2025. Disponível em: <https://revistas.unifenas.br/index.php/revistaunifenas/article/download/1283/478>. Acesso em: 27 de mar. 2026.

VON ELM, E.; ALTMAN, D. G.; EGGER, M.; POCKOCK, S. J.; GØTZSCHE, P. C.; VANDENBROUCKE, J. P. Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. **BMJ**, v.335, n.7624, p. 806-8, out. 2007 DOI: 10.1136/bmj.39335.541782. Acesso em: 27 de mar. 2026.